

NARRATIVA E MEMÓRIA EM TEMPOS DE CRISE

DANIELE RIBEIRO FORTUNA
Organizadora

 **e-papers**

Rio de Janeiro, 2023

© Daniele Ribeiro Fortuna, 2023.

Todos os direitos reservados a Daniele Ribeiro Fortuna. É proibida a reprodução ou transmissão desta obra, ou parte dela, por qualquer meio, sem a prévia autorização dos editores. Impresso no Brasil.

ISBN 978-65-87065-55-7

Revisão

Larissa Marum

Prova de capa

Marcel da Costa

Diagramação

Michelly Batista

Disponível no site da Editora E-papers

<http://www.e-papers.com.br>

Avenida das Américas, 3.200 bloco 1 sala 138

Barra da Tijuca – Rio de Janeiro – Brasil

CEP 22.640-102

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

N189

Narrativa e memória em tempos de crise / organização Daniele Ribeiro Fortuna. - 1. ed. - Rio de Janeiro : E-papers, 2023.

212 p. ; 23 cm.

Inclui bibliografia
ISBN 978-65-87065-55-7

1. Literatura e sociedade - Pandemia de COVID-19, 2020-. I. Fortuna, Daniele Ribeiro.

23-83294

CDD: 809.9335
CDU: 82.09(81)



Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

Sumário

Prefácio

Maria Aparecida Andrade Salgueiro (UERJ) / FAPERJ / CNPq)

Os bichos de Chacal e Kasuo Ohno. A dança da Poesia calada

Ana Chiara

Hélio Oiticica em Londres: subterrânea e prática escritural

André Masseno

Em pandemia: vida e representações

Annabela Rita

Memória e Narrativa: Internacionalização e a Mobilidade acadêmica

Claudio Umpierre Carlan

Emoções e sentimentos nos diários da quarentena

Daniele Ribeiro Fortuna

O livro e a possibilidade do acontecimento estético

Dionísio Vila Maior

A narrativa como presente, numa memória que ficou: a construção do Estado Novo representada no Diário de Cetúlio Vargas

Jacqueline de Cassia Pinheiro Lima

Performance de gênero em narrativa: Pedro I e Leopoldina na cultura das mídias

Jarlene Rodrigues Reis

Denise da Costa Oliveira Siqueira

Memória e Narrativa: Internacionalização e a Mobilidade acadêmica

Claudio Umpierre Carlan

Introdução

A internacionalização no ensino superior é tão antiga, quanto a própria universidade. As primeiras ideias sobre esse processo tiveram início em Salamanca, Reino da Espanha, no século XII. No início, era algo particular, do qual dependia muito do interesse de cada docente, sua ligação, direta ou não com o Vaticano.

À medida que o pensamento universitário foi se desenvolvendo, cada área começou a demonstrar um viés mais favorável a essas manifestações. Muitos estudantes, oriundos da pequena nobreza ou burguesia, querendo alcançar patamares sociais mais elevados, estudavam nesses centros, tendo contatos com pensadores muçulmanos, cristãos e judeus, que ajudaram a fortalecer o pensamento científico, principalmente no século XVIII.

Algo parecido foi realizado pelo Japão, no século XIX, durante a Revolução Meiji, que transformou o país asiático em um modelo. A unificação japonesa, em torno da dinastia Meiji, impulsionou uma modernização na estrutura milenar, tanto na educação, quanto na economia, política, sociedade, cultura. Assim, vários jovens, patrocinados pelo governo imperial, nossas modernas bolsas, foram estudar em universidades europeias, canadenses, norte-americanas, entre outras.

Retornaram para Japão com uma nova visão de mundo, aliados aos novos conhecimentos adquiridos, ajudaram a transformar o Estado japonês em uma potência mundial. O investimento na pesquisa, educação e internacionalização tendo resultados positivos, como sempre.

No Brasil, apesar da ideia de Universidade ter nascido no século XIX, foi na década de 1930, durante o período Vargas, com a criação da Universidade de São Paulo, que esse processo tem uma mudança efetiva. Com a falta de profissionais qualificados, Vargas convidou professores estrangeiros, na sua maioria franceses, para ministrar aulas nos cursos criados na USP. História, por exemplo, foi um

desses cursos, que contou com a presença de Fernand Braudel que, anos mais tarde, seria diretor da EHESS - École des Hautes Études em Sciences Sociales.

Com passar dos anos, seguindo modelo da Revolução Meiji, mais e mais discentes e docentes brasileiros foram aprimorar suas pesquisas, estudar no exterior, reforçando esse contato. Ao identificar a importância dessa mobilidade para o desenvolvimento científico, o governo brasileiro, a partir de década de 1990, começou a patrocinar essas mudanças, através de um sistema de bolsas voltados para as universidades, seus servidores técnicos e docentes e corpo discente.

Depois desses primeiros contatos e experiências, professores e pesquisadores brasileiros das mais diversas áreas começaram a ter seus trabalhos reconhecidos no exterior, através de associações e parceria com os diversos grupos de pesquisas. Seus alunos seguem os mesmos passos, estudando nesses centros, retornando para o Brasil para aplicar na prática o que foi desenvolvido. O mesmo ocorre quando nossas universidades recebem estudantes de outros países. Há uma troca, não apenas do conhecimento, mas cultural também.

Assim, a política nacional de educação superior está alinhada a uma agenda globalmente estruturada. Segundo Carvalho e Real:

...fazendo com que o processo de internacionalização deixe de ser uma opção e passe a ser obrigatoriedade para as universidades. A internacionalização, tem ocupado um crescente espaço na política de avaliação da pós-graduação. Além da produção intelectual, o que tem balizado a qualidade da pós-graduação são as ações de internacionalização...passou a compor ficha avaliativa para quadriênio 2017-2020, tornando-se um indicador de qualidade a ser considerado por todos os programas. (CARVALHO; REAL, 2020, p. 221)

Nesse sentido, o Estado, por meio de suas agências de fomento, financiou as universidades públicas, investindo no processo de internacionalização. No caso do Brasil, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Tecnológico (CNPQ) - especificamente em Minas Gerais, a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais - tomaram a iniciativa desse processo, através do sistema de bolsas, tanto para discentes, quanto para docentes e técnicos, participando e financiando eventos internacionais.

Akkari defende a ideia de que os países que não direcionam suas decisões sobre educação e modelos educacionais, acabam reduzindo o poder institucional do Estado Nacional (AKKARI, 2011).

No Brasil, como nos demais países latino-americanos, segundo Carvalho e Real:

...educação superior fortemente influenciada por correntes internacionais de Ciência e a Cultura e o Desenvolvimento e Educação Superior, um movimento de 2020, p. 226)

COVID-19 – uma nova

Atualmente, vivemos não apenas mudanças políticas, sociais e culturais, mas também a o processo de mobilidade em todos os Continentes se tornou. Nas relações internacionais

No que diz respeito a - a sociedade como um todo - a internacional de mobilidade estrutural dessas mudanças, devemos considerar o caso de vários grupos como as Universidades Brasileiras e as de Universidades de Língua de Montevideú, entre outras. Instituições Federais de Ensino sobre estratégia de internacionalização

Um dos objetivos de IFES – CGRIFES -, criar redes de mobilidade acadêmica internacionalização, mais discente, juntamente com a prática de ensino, pesquisa

Um dos pontos principais chamamos de caráter flexível de disciplinas cursadas na universidade em grupos de pesquisas. Mas

O contato com outras culturas, a economia, enfim, uma nova forma de comunicação ou televisão. O amadurecimento

audel que, anos mais
n Sciences Sociales.
o Meiji, mais e mais
aisas, estudar no exte-
dessa mobilidade para
r de década de 1990,
ma de bolsas voltados
corpo discente.

essores e pesquisadores
rabalhos reconhecidos
os grupos de pesquisas.
ntros, retornando para
mesmo ocorre quando
s. Há uma troca, não

alinhada a uma agenda

o deixe de ser uma opção
internacionalização, tem
o da pós-graduação. Além
lade da pós-graduação são
ficha avaliativa para qua-
ualidade a ser considerado
0, p. 221)

e fomento, financiou as
cionalização. No caso do
Nível Superior (CAPES)
o (CNPQ) - especifica-
isa do Estado de Minas
sistema de bolsas, tanto
ndo e financiando even-

lreccionam suas decisões
do o poder institucional

nos, segundo Carvalho e

...educação superior é cerceada pelos processos de globalização, e o Brasil é fortemente influenciado por concepções e orientações de órgãos e instituições internacionais, como Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), a Organização para Cooperação Econômica e o Desenvolvimento Econômico (OCDE) e os Instituto Internacional para Educação Superior na América Latina e Caribe (IESALC), voltando-se para um movimento de reestruturação das universidades. (CARVALHO; REAL, 2020, p. 226)

COVID-19 – uma nova realidade?

Atualmente, vivemos não apenas uma crise, mas várias crises - sanitárias, econômicas, política, sociais e administrativas. Com isso, tivemos graves efeitos sobre a o processo de mobilidade, tanto nacional quanto internacional. Praticamente todos os Continentes se viram obrigados a reestruturar seus modelos de gestão. Nas relações internacionais das universidades mundiais, não foi diferente.

No que diz respeito a tais alterações que estamos sendo obrigados a enfrentar - a sociedade como um todo -, necessitamos de uma reavaliação no sistema tradicional de mobilidade estudantil, docente / técnico. Assim, para podermos realizar essas mudanças, devemos levar em conta as decisões que nortearam a implementação de vários grupos com atuação no Brasil e exterior, como Grupo COIMBRA de Universidades Brasileiras; Grupo Tordesilhas de Universidades; AULP, Associação de Universidades de Língua Portuguesa; Associação de Universidades do Grupo Montevideu, entre outras. Seguindo essas recomendações, analisaremos junto às Instituições Federais de Ensino Superior (IFES), no Brasil, novos documentos sobre estratégia de internacionalização, tendo como base um futuro próximo.

Um dos objetivos do Conselho de Gestores de Relações Internacionais das IFES – CGRIFES -, criado em 2011 é definir e orientar uma política, não apenas de mobilidade acadêmica, mas também de educação superior, voltada para internacionalização, maior aperfeiçoamento do nosso corpo docente, técnico e discente, juntamente com visão científica, técnica, inclusiva, inovadora, conectada com ensino, pesquisa e extensão.

Um dos pontos principais relacionados à mobilidade internacional é o que chamamos de caráter físico. Nesse contexto, a questão não seria apenas as disciplinas cursadas na universidade estrangeira ou a carga horária nos laboratórios e grupos de pesquisas. Mas a visão cultural adquirida pelos nossos discentes.

O contato com outra cultura, políticas públicas diferentes, alimentação, economia, enfim, uma nova realidade, até então vista apenas pela internet, cinema ou televisão. O amadurecimento intelectual, aliado ao cultural e educacional.

Esse ou essa discente, no futuro, será um profissional diferenciado, ajudando com afinco no desenvolvimento nacional, nosso principal objetivo.

Assim, nossos discentes terão uma importante experiência internacional, presente na sua formação universitária, e nós continuaremos avançando nos processos de internacionalização, valorização e investimento curricular, fortalecendo e incentivando cada vez mais a mobilidade física, mas também, sem esquecer, do formato virtual, tanto na instituição de origem quanto na de destino.

A crise que atualmente vivemos, provocada em parte pela COVID-19, mas, também, herança de políticas públicas fracassadas, tanto antigas quanto atuais, reduziu em muito as mobilidades acadêmicas, nacionais e internacionais. E, infelizmente, até a descoberta de uma vacina, maior investimento e valorização da educação e pesquisa, bem provável que não teremos um novo quadro. Porém, devemos estar prontos e preparados para o futuro.

Após passarmos por essa adversidade, devemos definir os mecanismos de adaptação à nova realidade mundial. Porém, algo para nortear nossos trabalhos, é que a mobilidade acadêmica, nacional e internacional, deve continuar e com apoio total das Instituições de Ensino, públicas ou não, do Governo Federal e Estadual. Sim, adaptar-se a essa nova situação em que vivemos. Com um doente em tratamento, temos de encontrar o remédio certo para cura, não simplesmente deixar passar.

Nesse sentido, procuraremos desenvolver novos projetos, que completem e aprimorem os atuais, como a proposta defendida pelo economista e cientista político norte-americano, Lawrence Summers, Secretário de Tesouro, durante Governo Clinton e Presidente da Universidade de Harvard, da qual também foi aluno. Segundo ele, as mudanças estruturais das universidades devem ocorrer a cada 25 anos, no máximo. Principalmente, para uma modernização da instituição. Nas relações internacionais e interinstitucionais, não deve ser diferente, as mudanças devem ser constantes, sempre tentando melhorar cada vez mais o sistema.

Com isso, ocorreu uma série de mudanças e novidades sobre o processo de mobilidade acadêmica. Para uma análise mais detalhada, resolvemos dividir as definições, tendo como modelo o CRUE Universidades Espanholas¹, uma associação sem fins lucrativos, formada por 76 universidades, 50 públicas e 26 privadas, sendo o principal interlocutor entre o meio acadêmico e o governo espanhol, responsável pelos desenvolvimentos e alterações que afetam a educação superior no país. A CRUE apresentou essa proposta, no período inicial da pandemia, COVID-19, na Europa. Realizou a seguinte análise, a ser estruturada:

1 <http://www.crue.org/SitePages/queEsCrue.aspx>, acesso 11 de junho de 2020, traduzido e adaptado pelo autor

- Mobilidade Física ou presencialmente na universidade, com o câmbio programado de *blended learning* ou *blended learning* que qual é utilizado tanto em grupos maiores utilizando o presencial, mantendo a Saúde) para distanciam
- Mobilidade Virtual: no processo - aulas, pes
- Mobilidade Combinada: presenciais e virtuais, menor que o da virtualizações, de acordo com *Mobility* é usado para de aprendizagem mista
- *Blended Learning* ou materiais educativos online ser presencial e não síncrona, quando a transmitida em um canal não é simultânea, não respondida mais tarde EAD (Educação a Dist

O modelo da Unifal-MG

A Universidade Federal de Minas Gerais, criada em 1914, como Escola de Engenharia, foi regulamentada pela Lei Estadual nº 657, de 1934, que criou a Universidade Federal de Minas. A Universidade oferecia aulas, mas não tinha recursos. O primeiro curso seguida, veio Odontologia, no pólo educacional da região de Minas.

A federalização ocorreu com a criação da Universidade Federal (Efoa/Ceufe). No ano

2 <https://www.unifal-mg.edu.br>

- Mobilidade Física ou Presencial: quando o (a) discente se encontra fisicamente na universidade de destino durante todo o período de estudos e intercâmbio programado. Geralmente, presencial e semipresencial, incluindo *blended learning* ou *b-learning*, espécie de aprendizado ou ensino misto, no qual é utilizado tanto o ensino presencial quanto a distância. Nesse caso, grupos maiores utilizariam o sistema online / distância; grupos menores, o presencial, mantendo as determinações da OMS (Organização Mundial de Saúde) para distanciamento social.
- Mobilidade Virtual: não existe deslocamento físico para o (a) discente. Todo o processo - aulas, pesquisas, ensino - será virtual e online.
- Mobilidade Combinada ou *Blended Mobility*: combinação das mobilidades presenciais e virtuais. Nesse caso, o tempo de mobilidade presencial seria menor que o da virtual, porém também são aceitos diferentes termos e alterações, de acordo com a realidade de cada universidade. O termo *Blended Mobility* é usado para descrever essa união: presencial / virtual, uma espécie de aprendizagem mista.
- *Blended Learning* ou Aprendizagem Combinada: União dos meios e materiais educativos online com os métodos mais tradicionais. Esse método pode ser presencial e não presencial. Os especialistas chamam de comunicação síncrona, quando a informação é sincronizada ou simultânea, recebida e transmitida em um certo espaço de tempo; assíncrona, quando a informação não é simultânea, não ocorre em um mesmo espaço / tempo, podendo ser respondida mais tarde e por pessoas diferentes. Muito utilizado no sistema EAD (Educação e Distância).

O modelo da Unifal-MG

A Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG) foi fundada no dia 3 de abril de 1914, como Escola de Farmácia e Odontologia de Alfenas (Efoa), reconhecida pela Lei Estadual nº 657, de 11 de setembro de 1915². Os professores ministravam aulas, mas não tinham remuneração fixa em função da pouca disponibilidade de recursos. O primeiro curso a ser implantado foi Farmácia, em 1914. Logo em seguida, veio Odontologia, em 1915. Assim, a instituição foi consolidada como pólo educacional da região, Alfenas sendo conhecida como Atenas do Sul de Minas.

A federalização ocorreu em 1960 e, em 2001, passou a Centro Universitário Federal (Efoa/Ceufe). No ano de 2005, por meio da Lei Federal nº 11.154, de

2 <https://www.unifal-mg.edu.br/portal/a-unifal-mg/>, acesso 15 de junho de 2020

29 de julho de 2005, a Efoa/Ceufe foi transformada em Universidade Federal de Alfenas, adotando a sigla UNIFAL-MG. Hoje, a Instituição estrutura-se administrativamente em quatro unidades, com localização da Sede e da Unidade Educacional Santa Clara, em Alfenas; e os *campi* avançados nas cidades de Poços de Caldas e Varginha.

Desde a transformação em Centro Universitário, a Unifal-MG teve uma preocupação com a questão da internacionalização. Na ocasião, foi criada ARINTER (Assessoria de Relações Interinstitucionais) que, a partir de 2018, passou para DRI (Diretoria de Relações Internacionais e Interinstitucionais), responsável pelos estímulos, acordos e convênios, nacionais, internacionais e com a região.

Nesse sentido, foram criadas e estabelecidas estratégias, tanto pela Reitoria, quanto pelas Pró-Reitorias de Graduação, Pós-graduação e Extensão, aliadas à Diretoria de Relações Internacionais que, em conjunto, organizaram metas visando ampliar cada vez mais o processo de internacionalização.

Com isso, partindo como prioridade da gestão universitária, a DRI, aliada às demais pró-reitorias, tanto acadêmicas quanto administrativas, contando com apoio da Reitoria, definiu novos passos para nortear esse processo.

Um dos pontos principais foi a redação, depois aprovação pelo CONSUNI (Conselho Universitário), de uma política voltada para internacionalização³ juntamente com novo regimento interno. Definindo o plano de ação.

Com o avanço da pandemia COVID19, no Brasil e no Mundo, realizamos, junto com o CGRIFES, adaptações para essa nova realidade, na qual vivemos. Um dos pontos definidos, também defendidos pela Pontifícia Universidad Católica de Valparaíso, no Chile, foi de uma internacionalização “em casa”. Ou seja, oferta virtual de disciplinas, capacitação em línguas estrangeiras, eventos internacionais, entre outras. A UFMT e UFVJM, por exemplo, realizaram importantes eventos virtuais, tanto na área internacional quanto na educacional e na de pesquisa, contando com a participação de vários pesquisadores e alunos, tudo realizado virtualmente. O mesmo pretende desenvolver a PUCV, em parceria com a Unifal-MG.

Como defendemos no início deste capítulo, não é o ideal, mas é o que temos em mãos para continuarmos no avanço necessário, trocas de experiências, até a abertura das fronteiras, pelo menos. Não podemos esquecer que a questão sanitária deve estar à frente da econômica. Caso não existam pessoas, também não existirá economia. De acordo com notas publicadas pela FIOCRUZ, uma vacina eficaz seria possível apenas em abril de 2021.

Outro ponto importante é a discussão dos termos aditivos em modo virtual. Como poderíamos desenvolver esses acordos, visando antecipar o retorno

3 <https://www.unifal-mg.edu.br/dri/>, acesso em 18 de junho de 2020

presencial, incentivando o Brasil, ida de nossos pesq

Assim, é objetivo da a Institucionalização da tanto para as Relações Universidade Federal do

Considerações finais

Segundo Abdeljalil Akkari, internacionais na Educação, da ser internacionalizado, ab como pressupõe a defini dêmicos e professores. A o Estado, mas também m disponíveis a todos.

Os textos de Aristóte o latim durante a Idade a rivalidade religiosa, foidades e nações seguiram seu conhecimento, mas próprio Akkari foi um aceitar alunos brasileiros. tiza o relacionamento em 2012, p. 1).

Nos indicadores de tem se apresentado com e formação de recursos exemplo, podemos citar UNIFAL-MG. Desde a taforma principal, mes oficial para orientar um

Assim, segundo C “quanto maior forem z nos programas, melhor

Agradecimentos

Aos colegas da UNICA Paulo Abreu Funari,

Universidade Federal
 ituição estrutura-se
 a Sede e da Unidade
 nas cidades de Poços

nifal-MG teve uma
 ocasião, foi criada
 partir de 2018, pas-
 titucionais), respon-
 onais e com a região.
 tanto pela Reitoria,
 Extensão, aliadas à
 organizaram metas
 ação.

itória, a DRI, aliada
 tivas, contando com
 cesso.

ção pelo CONSUNI
 nacionalização³ jun-
 ação.

Mundo, realizamos,
 na qual vivemos. Um
 iversidad Católica de
 asa”. Ou seja, oferta
 entos internacionais,
 importantes eventos
 na de pesquisa, con-
 do realizado virtual-
 a com a Unifal-MG.
 al, mas é o que temos
 le experiências, até a
 e que a questão sani-
 pessoas, também não
 OCRUZ, uma vacina

ativos em modo vir-
 antecipar o retorno

presencial, incentivando a vinda de pesquisadores e estudantes estrangeiros para Brasil, ida de nossos pesquisadores e estudantes para o estrangeiro?

Assim, é objetivo da Unifal-MG, desenvolver um projeto de gestão, visando a Institucionalização da Internacionalização, com um orçamento específico, tanto para as Relações Internacionais quanto para bolsas, algo realizado pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro.

Considerações finais

Segundo Abdeljalil Akkari, que dirige o Grupo de Pesquisa Dimensões Internacionais na Educação, da Universidade de Genebra, o ensino universitário precisa ser internacionalizado, aberto a todos os povos, disponíveis em todos os idiomas - como pressupõe a definição original para Universidade, uma comunidade de acadêmicos e professores. Assim, a internacionalização pode não apenas transformar o Estado, mas também modernizá-lo, colocando os avanços técnicos e científicos disponíveis a todos.

Os textos de Aristóteles foram traduzidos do grego para o árabe também para o latim durante a Idade Média. Uma troca de conhecimento, na qual a questão ou a rivalidade religiosa, ficou em um plano secundário. Desde então, várias universidades e nações seguiram esse caminho, não apenas com a intenção de aprimorar seu conhecimento, mas de conhecer, procurar entender e aceitar “O Outro”. O próprio Akkari foi um dos primeiros professores da Universidade de Genebra a aceitar alunos brasileiros. Não podemos esquecer que a internacionalização enfatiza o relacionamento entre as nações, povos, cultura e instituições (KNIGHT, 2012, p. 1).

Nos indicadores de avaliação dos programas de pós, a internacionalização tem se apresentado com um fator de legitimação da circulação do conhecimento e formação de recursos humanos (CARVALHO; REAL, 2020, p. 229). Como exemplo, podemos citar o Programa de Pós-graduação em História Ibérica, da UNIFAL-MG. Desde a sua criação, teve a internacionalização como sua plataforma principal, mesmo não encontrando, ainda, no Brasil, um documento oficial para orientar uma política de internacionalização eficaz.

Assim, segundo Carvalho e Real, em relação à pós-graduação brasileira: “quanto maior forem as evidências das realizações de ações de internacionalização nos programas, melhor será a sua classificação”.

Agradecimentos

Aos colegas da UNICAMP, em especial, aos professores Mariano Laplane e Pedro Paulo Abreu Funari, pela oportunidade de trocarmos ideias. Mencionamos,

ainda, o apoio institucional da UNIFAL-MG, UNICAMP, FAPEMIG, CAPES e CNPq.

Referências

- <http://www.crue.org/SitePages/queEsCrue.aspx>, acesso 11 de junho de 2020, traduzido e adaptado pelo autor).
- <https://www.unifal-mg.edu.br/portal/a-unifal-mg/>, acesso 15 de junho de 2020.
- <https://www.unifal-mg.edu.br/dri/>, acesso 19 de junho de 2020.
- <https://fapemig.br/pt/menu-servicos/parcerias-internacionais/>, acesso 30 de julho de 2020.
- AKKARI, A. *Internacionalização das políticas educacionais: transformações e desafios*. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.
- BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. *Relatório de Avaliação Trienal 2013*. Brasília, DF: CAPES, 2013 a. Disponível em: <http://capes.gov.br/avaliacao/sobre-as-areas-de-avaliacao/100-dav/9532-educacao-memoria-da-aerea>. Acesso em: 03 de maio 2019.
- BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. *Documento da Área de Educação 2019*. Brasília, DF: CAPES, 2019^a. Disponível em: http://capes.gov.br/images/educacao_doc_aerea_2.pdf Acesso em: 15 julho de 2020.
- CARDOSO, F. H.; FALETTO, E. (1979). *Dependency and development in Latin America*. Berkeley: University of California Press, 1979.
- CARVALHO, E. S. REAL, G. C. M.. Internacionalização e seus reflexos na gestão da qualidade da pós-graduação em Educação. Série Estudos, *Revista da Pós-graduação da Universidade Católica dom Bosco*, Campo Grande – MS. V.25, n. 54, p. 221-234, maio/ago. 2020.
- LAPLANE, M. F. COUTINHO, L. HIRATUKA, C. (Orgs.) *Internacionalização e desenvolvimento da indústria no Brasil*. São Paulo: Fundação Editora UNESP, 2003.
- KNIGHT, J. The Channing Landscapes of Higher Education International – for better or worse? *Perspectives: Policy and Practice in Higher Education*, London, v. 17, p.84-90, 2013.
- KNIGHT, J. Cinco verdades a respeito da internacionalização. *International Higher Education*, Campinas, n. 69, out. 2012. Publicação da Revista Ensino Superior da UNICAMP, mediante acordo de cooperação entre UNICAMP / Boston College.

Emoções e sentimentos

Daniele Ribeiro Fortuna

“O diário íntimo, sinto logo (p. 116) reflete um momento de autopercepção do sujeito (p. 116), a preocupação de seu autor, e somente para a presa, sem censura nem para deixar emergir o ‘de dentro’

Desde o século XIX, que deixa de ser universal parte do cotidiano de uma desabafo, resistência, com

Do século XIX aos hábito de escrever sobre Ainda que a ideia original Mais do que relatar o cotidiano as emoções e sentimentos

Para Philippe Lejeune mantém o diário em texto Assim, boa parte dos diários sado aquele momento, por

A maneira de sentir do tempo. Da mesma forma escritos em novos supostos diários que, por sua compartilhar sentimentos

O objetivo deste texto resultados do projeto de ao analógico - sentimento pandemia de covid-19 FAPERJ, edição de 20